

# Criação de cooperativa no agronegócio: o caso da Cooperativa Paranaense dos Criadores de Avestruz

MICHEL ANDRÉ FELIPPE SOARES (UEM)

ALFREDO LOPES DA COSTA MOREIRA NETO (PPA-UEM/UEL)

ELIZA EMÍLIA REZENDE BERNARDO-ROCHA (UEM)

ISSN 1518-4382

## REFERÊNCIA:

SOARES, Michel André Felipe; MOREIRA NETO, Alfredo Lopes da Costa; BERNARDO-ROCHA, Eliza Emilia Rezende. Criação de cooperativa no agronegócio: o caso da Cooperativa Paranaense dos Criadores de Avestruz In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. 4. 2005, Curitiba, **Anais...** Curitiba, 2005, p. 487-496.

## Resumo

O presente trabalho tem por finalidade descrever o processo de constituição da Copatrúz – Cooperativa Paranaense dos Criadores de Avestruz, além de estabelecer através de entrevistas, junto a uma amostra de cooperados qual o perfil destes e quais foram as tendências mais aparentes e a relação com os princípios cooperativos tradicionais e as características empreendedoras de seus membros. Foi detectado que 75% dos cooperados são produtores rurais, mas somente 50% destes são estruturadores, sendo que 25% iniciaram as suas atividades a partir de novembro de 2003 quando a cooperativa já estava em funcionamento. Dentre as expectativas dos cooperados está a industrialização e a comercialização dos produtos do avestruz com foco em agregar valor ao produto atento às tendências do mercado, o que a insere no perfil da nova geração de cooperativas.

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, com a existência de mercados globalizados e altamente competitivos as organizações tiveram que adaptar as suas estruturas de forma a disputarem suas posições no mundo dos negócios e uma das formas de criação de empresas que vem se expandindo é a de cooperativas.

Entretanto, tais instituições não querem e não podem se vdesvincular totalmente das questões doutrinárias que construíram o movimento cooperativo no mundo.

Tal evolução vem ocorrendo de forma paulatina, todavia, parecendo ser inevitável que o mercado seja tomado por essa *nova geração das cooperativas*, com capital aberto e aptas a competirem, em igualdade de condições, com outras instituições que disputam o mercado de consumo.

O objetivo deste estudo é descrever o processo de constituição de uma cooperativa. A importância das cooperativas no contexto sócio-econômico é fundamentada pela capacidade de rentabilizar atividades que o produtor rural ou empresário não alcançariam êxito sozinho. A coletividade propicia o êxito da atividade e possibilita aos cooperados que possuem estruturas pequenas se manterem no mercado e permite o crescimento econômico regional, além de ter um papel social de grande relevância seja na distribuição de renda ou na geração de empregos.

## 2. O COOPERATIVISMO

Ao abordar o tema do cooperativismo, deve-se mencionar os movimentos sociais que viam a possibilidade de harmonização entre interesses individuais e coletivos (liberalismo econômico século XVIII – Europa Ocidental) e os efeitos da Revolução Industrial, como importantes inspiradores das idéias cooperativas e o surgimento dos pressupostos básicos de *solidariedade, equidade, trabalho e liberdade*.

Segundo Gayotto (1976), desde os primórdios da civilização existem indícios sobre os processos de cooperação e associação solidária. Ainda no ambiente capitalista do século XIX, é sempre lembrada a experiência do movimento cooperativista baseado na ação realizada em Manchester Inglaterra, em 1844 em Rochdale, constituindo-se num grande marco da cooperação.

A partir de então o relacionamento cooperativo vem evoluindo e hoje pode ser encontrado sob várias maneiras inclusive sob a denominação de alianças estratégicas de negócios, embora na concepção de vários estudiosos não são considerados doutrinariamente como empreendimentos cooperativos, porém tais experiências trazem em seu bojo a cooperação.

Ressalta-se a importância com que a cooperação e o cooperativismo foram discutidos, inicialmente, por pensadores denominados socialistas utópicos que reagiram às injustiças sociais que ocorriam na Europa durante a Revolução Industrial, no século XIX. Nesse sentido, alguns dos principais aspectos da discussão socialista sobre igualdade e justiça social, giravam em torno da eliminação da propriedade privada e da liberdade econômica de mercado.

Dessa forma, os socialistas utópicos defendiam a substituição do mercado por mecanismos de cooperação, bem como da propriedade privada por co-propriedades dos meios de produção (BIALOSKORKI NETO, 1998).

Assim, propunham os socialistas utópicos a mudança do sistema econômico a partir da cooperação e através das organizações cooperativistas de produção, consumo ou de crédito. Dentre estes socialistas utópicos destacam-se algumas célebres figuras, tanto por suas obras intelectuais como por seus feitos práticos. Um deles foi Robert Owen, que integrou o grupo dos socialistas associacionistas, cuja proposta centra-se na substituição da livre concorrência de mercado, responsável segundo posicionamento desse grupo, pela má repartição das riquezas. Ele realizou em sua fábrica (importante contribuição empírica), uma mudança significativa da jornada de trabalho, de 17 para 10 e meia horas diárias, recusando menores de 10 anos e criando condições mínimas de trabalho, oferecendo refeitórios e outros benefícios ao seu corpo de funcionários. Uma, dentre suas valiosas conquistas foi a tentativa de organizar o associativismo mundial, que acabou por contribuir de forma embrionária na constituição do organismo denominado hoje de ICA – *International Cooperative Alliance*, presente nos cinco continentes.

Outra importante figura, Charles Fourier, o francês que idealizou o falanstério – Colônia Socialista Comunitária cuja leitura indicava o problema da justiça social como fruto da produção e da distribuição do produto. Um fator que não se pode omitir, de sua obra, é que o entendimento de cooperação não se restringe apenas à produção, mas também ao fator humano.

Uma outra linha de abordagem sobre a implantação de uma nova ordem econômica, baseada na cooperação e na intervenção autoritária por parte do Estado ou dos agentes envolvidos na economia, denomina-se corrente associacionista autoritária. Nessa perspectiva Louis Blanc, francês, historiador e jornalista, critica a livre concorrência e a formação de monopólios, reduzindo a força de trabalho dos assalariados. Aponta enfaticamente a privação da liberdade e sugere que tal

liberdade só será alcançada se os cidadãos adquirirem direito de propriedade, através da posse dos instrumentos de produção.

E se essa livre concorrência é perniciosa, prossegue Louis Blanc, é tão somente por acarretar para maioria dos homens a privação à liberdade (HUGON, 1970).

O fato é que nas propostas ou teorias apresentadas não se propõe alternativas muito claras a respeito da transição para o novo sistema proposto.

Já para Willian King, inglês considerado como pai da cooperação na Grã Bretanha, de acordo com Lambert (1975), a cooperação é um ato voluntário e o sucesso de sistemas dessa natureza depende de um processo de educação para a cooperação. Defendeu também que as transformações do ambiente econômico deveriam ocorrer a partir do estabelecimento de cooperativas de consumo, que com o tempo e acúmulo de recursos seriam capazes de formar, por si só, um sistema cooperativo de produção.

Foi dentro desse contexto de idéias, que um grupo de trabalhadores de Rochdale Inglaterra, em 1844, fundou a primeira cooperativa que seria um marco para o cooperativismo mundial. Enquanto empreendimento, foram estabelecidos alguns princípios que delinearão a organização cooperativa como um todo. Foram eles a democracia; a adesão livre e voluntária; a neutralidade política e religiosa; o fomento à educação cooperativa; o retorno *pro-rata* das sobras das operações; a intenção de modificar a ordem econômica.

Faz-se mister salientar que na doutrina cooperativista atual, tais princípios, com exceção do último, são ainda exaltados e tiveram origem no pensamento dos socialistas utópicos, cujos ideais versavam sobre a fraternidade, igualdade, liberdade e solidariedade.

Constata-se que o movimento cooperativo traz, em sua origem, a intenção de modificar a economia de livre mercado e alguns pensadores econômicos o consideram como complemento ao sistema econômico mencionado. Portanto, as cooperativas devem se posicionar no mercado como instituições que provocarão efeitos favoráveis na economia e procurarão amenizar os conflitos existentes entre os fatores de produção, capital e trabalho. Além disso, as cooperativas acabam por diminuir os custos sociais que são oriundos dos monopólios reinantes na economia, disponibilizando sua estrutura a uma ampla faixa da população que, individualmente, provavelmente, não teria acesso, em situações de livre mercado .

Segundo Eschenburg (1983), as cooperativas de produção acabam por não ser tão competitivas e por vezes até menos eficientes que as organizações não cooperativas, mas que por uma série de razões acabam por ter seus custos empresariais menores e, conseqüentemente os preços mais acessíveis comparados com os do mercado comum. Há que se considerar então que cooperativa só será viável se os resultados que alcançar superarem aqueles que são ofertados pelo livre mercado.

Portanto, afirma Bialoskorki Neto (1998), que parece ser a imperfeição dos mercados um fator determinante para o aparecimento das formas de cooperação, ao nível de empresas, ou no nível de contratos entre agentes.

Nessa perspectiva é que se deve avaliar a importância das formas cooperativas de atuar, exaltando sempre o fato de que algumas barreiras devem ser transpostas e a discussão deve caminhar em direção à formação de organizações empresariais e econômicas mais amplas e responsáveis que baseadas na cooperação irão melhorar os níveis econômicos e de bem estar da população.

### 3. A NOVA GERAÇÃO DE COOPERATIVAS

Na atualidade, novos modelos de gestão cooperativa têm ocupado espaço determinando uma nova direção que aponta para a economia de mercado. Nessa perspectiva, a relação com cooperados muda sensivelmente e o objetivo é a industrialização, a agregação de valor. Portanto, o caminho das cooperativas atuais tem sido influenciado marcadamente pelos processos de industrialização em busca da qualidade e produtividade sob pena de não sobreviverem frente às demandas dos novos tempos.

A abertura de capital (criação de sociedades anônimas) é um exemplo de mudança estratégica pelas quais passam as cooperativas. Como exemplo de organizações nessa perspectiva, criou-se uma nova fase de cooperativas capitalistas, que buscam a rentabilidade nos negócios, a partir dos processos de diversificação de suas atividades e mudanças estratégicas nos processos de gestão.

Apesar de algumas contraposições sobre esta nova forma de organização cooperativa e as questões doutrinárias que envolvem todo esse processo de mudança, parece que esta situação é irreversível.

A realidade norte americana mostra a evolução das cooperativas agrícolas, nos últimos 70 anos, bem como as consecutivas mudanças e adaptações que precisaram ser feitas e sua importância no contexto agrícola daquele país.

A gênese da formação de organizações cooperativas de produtores rurais norte americanos, surge a partir da necessidade de se aumentar a capacidade de negociação frente a fortes oligopólios reinantes. A verdade é que a união de vários pequenos produtores acaba por estabelecer um importante processo de cooperação e um relacionamento mais produtivo e rentável com a indústria de insumos e com a agroindústria processadora.

Conforme Cook (1997), durante o XI Congresso Brasileiro de Cooperativismo, tais cooperativas, que no início do século XX eram em torno de 12 mil atuantes no setor de produção agrícola nos Estados Unidos, foram respaldadas por uma série de vantagens fiscais, de crédito, dentre outras que auxiliaram sobremaneira o seu desenvolvimento. Este conjunto de cooperativas de 1935 até o início da década de 80 foi ganhando peso econômico representando cerca de 30% da comercialização de produtos agrícolas e insumos naquele país.

O período seguinte, de 1983 a 1986, os Estados Unidos sofreram com uma crise bastante acentuada no setor agrícola e as cooperativas perderam boa parte de sua importância econômica.

A partir de então novas perspectivas precisavam ser encontradas e o sistema cooperativista haveria de buscar alternativas para enfrentar o novo ambiente mais competitivo, complexo e globalizado.

Nesse contexto ficavam aparentes as principais dificuldades das cooperativas, especialmente por não assimilarem a postura de uma atuação mais agressiva, em face de um perfil histórico de condução diretiva, de rejeição a modelos de administração resultantes de uma postura tradicionalista.

Dessa feita, não restava muito que fazer, ou tais organizações cooperativas mudavam sua forma de organização, ou fatalmente deixariam de existir.

A resposta das organizações cooperativas agrícolas norte americanas foi a tentativa do estabelecimento de um novo paradigma, em busca de modelos de gestão alternativos que fossem ao encontro das exigências do novo ambiente de negócios.

Assim, aqueles que estavam à frente de tais organizações, tinham como vislumbre a definição de novos modelos de gestão que pudessem dar resposta às demandas oriundas desse novo ambiente. Com isso, segundo Cook (1997), duas características foram apresentadas para essas novas organizações: consolidação – fortalecimento da empresa cooperativa nos seus mercados de atuação, através da transmissão de uma imagem que gerasse confiança nas atitudes e no futuro da empresa, nos seus diferentes níveis de atuação (nacional, regional e local) e, proporcionalidade – referente à participação de capitais na empresa cooperativa. Caracteriza-se pelo planejamento da estrutura de capital a ser utilizada, considerando portfólios de capital que consideram capital de risco de terceiros, capital próprio e outros. Neste sentido, alianças, *joint-ventures* e associações entre cooperativas e empresas de capital aberto passam a figurar como alternativas para a estruturação do *pool* financeiro dessa empresa.

Como resultante desse empenho, tanto na busca de capital como nos processos de associação, surge a “nova geração das cooperativas”, com mais de uma centena de tipos de estruturas diferenciadas, aptas a constituírem a fase contemporânea de sucesso dessas organizações.

Algumas dessas estruturas trazem em seu escopo características inovadoras que determinam uma nova concepção de relacionamento entre dirigentes e associados, cultuando laços mais profundos e maior estabilidade e comprometimento entre os envolvidos.

A atual performance das cooperativas norte americanas tem demonstrado alto grau de profissionalização e o sucesso que vem alcançando, com resultados, deixa a postura defensiva, inerente aos modelos tradicionais, para atuar de forma competitiva, alcançando expressiva participação nos índices de comercialização de produtos finais (perto de 32% das vendas totais) e também de produtos primários e insumos (com cerca de 30% do mercado norte americano).

#### 4. DIVERSIFICAÇÃO E COMPETITIVIDADE

De acordo com Ferreira e Braga (2004), em torno de 50% dessas cooperativas, apresentam diversificação dos negócios. De acordo com os autores, fatores internos e externos têm contribuído para a busca de tal diversificação, são eles: fatores internos – dentre esses fatores o principal deles aponta que o ímpeto de diversificar está fortemente associado à satisfação das necessidades expressas pelos cooperados e a busca de melhor desempenho financeiro; fatores externos – o principal indicativo foi a satisfação das necessidades expressas pela comunidade em que a cooperativa opera, mostrando que existe ainda uma importância relativa bastante visível em relação ao papel social que exercem tais cooperativas espalhadas por diversas regiões e especialmente nas comunidades rurais.

Na mesma avaliação constatou-se o sentido da diversificação, havendo em quase 60% das cooperativas pesquisadas alta relação com a atividade principal, o que se denomina de diversificação concêntrica.

De acordo com Barni e Brand, (1992), as cooperativas mais novas apresentam condições mais favoráveis e maior frequência nos processos de diversificação concêntrica, mais recomendadas por apresentarem uma relação positiva com o aproveitamento dos recursos comuns – economias de escopo.

Por outro lado, as cooperativas mais antigas e com estruturas maiores não se relacionam tão positivamente com os processos de diversificação, conforme afirma (BIALOSKORSKI NETO (1998).

## 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo de caso da COPATRUZ – Cooperativa Paranaense dos Criadores de Avestruz. Para a efetivação do estudo foram entrevistados dezesseis componentes do grupo do total de setenta e duas pessoas, sendo a coleta de dados realizada através de questionário estruturado. Porém, foram acrescentadas ao questionário perguntas abertas, as quais possibilitaram ao entrevistado expressar a sua opinião pessoal e aspectos subjetivos da pessoa, contribuindo para que a pesquisa também se orientasse por alguns aspectos qualitativos.

O questionário foi composto por perguntas abertas e fechadas, sendo dividido em quatro grupos, o primeiro estava focado no aspecto pessoal do cooperado, o segundo grupo de perguntas foi focado na relação do cooperado e da cooperativa, na terceira parte foi indagado quanto ao futuro da cooperativa, na quarta parte do questionário foram feitas perguntas abertas que indagavam sobre as expectativas em relação à cooperativa e o conhecimento sobre o cooperativismo.

## 6. A COPATRUZ

A Cooperativa Paranaense de Criadores de Avestruz surgiu no ano de 2003 com vinte cooperados no momento de sua fundação. A COPATRUZ está atualmente sediada no município de Presidente Castelo Branco – PR, onde possui um área de 3 alqueires, com infra-estrutura de piquetes para a criação de avestruzes, onde estão 150 avestruzes próprios e outros animais sob o sistema de hospedagem. Dentro desta estrutura a cooperativa possui um incubatório de ovos que presta serviços aos seus cooperados e a terceiros. Foi inaugurado no início do ano de 2004 um curtume especializado no couro de avestruzes, tendo como seu maior público consumidor empresas e criadores do estado de São Paulo, já que a produção de avestruzes na região ainda é muito reduzida.

Dentro do planejamento da cooperativa está a abertura de um frigorífico especializado no abate de avestruzes e a ampliação no número de criadores na região. A viabilidade do frigorífico está relacionada diretamente com o crescimento da estrutiocultura na região, já que a oferta de animais para o abate é o atual empecilho na industrialização e comercialização dos produtos originados de avestruz.

## 7. ASPECTOS RELATIVOS AOS COOPERADOS

Foi evidenciada a diversidade da faixa etária dos cooperados, sendo que 25% possuem até 25 anos de idade, 50% possuem de 26 a 35 anos de idade e 25% possuem acima de 35 anos de idade. Outro dado que pode ser destacado é o nível de escolaridade, onde 50% possuem ensino superior completo, sendo que neste grupo estão incluídos 12,5% dos cooperados que possuem pós-graduação.

Quanto à área de formação, fato bastante marcante é a sua diversidade, são encontrados profissionais liberais como, médicos e advogados, empresários e profissionais ligados ao agronegócio. Apesar desta diversidade da área de formação, 75% dos cooperados entrevistados são produtores rurais, sendo que 50% destes possuem a estrutiocultura dentre as atividades rurais desenvolvidas.

Um fato importante da composição da cooperativa é que os produtores rurais nela envolvidos possuem uma quantidade ainda reduzida de avestruzes, apresentando assim, um caráter de pequenos produtores rurais em sua maioria, apesar de estarem fortemente estabelecidos em outras áreas econômicas. Isto pode ser constatado quando 50% dos cooperados que possuem avestruzes declararam ter até 5 casais e o maior produtor possui 30 casais em postura.

A localização da criação de avestruzes é de fundamental importância para a cooperativa, pois a proximidade da criação é fator determinante para o frigorífico que precisa de um volume mínimo de avestruzes destinado ao abate para que a sua atividade seja viável. Assim, 50% dos criadores de avestruzes da cooperativa possuem animais em um raio de até 50 Km da cooperativa. Cabe destacar a participação do estado do Mato Grosso do Sul, onde está localizada a criação de alguns cooperados.

Um fato que evidencia a influência da cooperativa na expansão da estruturacultura é o número de cooperados que passaram a ser criadores somente após terem entrado para o quadro da cooperativa, o que não coincide com a ordem lógica do cooperativismo que seria as pessoas com finalidades comuns ligadas a uma determinada atividade criarem a cooperativa como meio de buscar um melhor equilíbrio com o mercado e alcançar índices de qualidade, produtividade e competitividade maiores, além de buscar uma condição de vida melhor dentro de um meio democrático com respeito aos interesses da coletividade.

A relação da cooperativa com o crescimento da estruturacultura pode ser ratificado a partir da constatação de que 25% dos cooperados criadores de avestruzes iniciou as suas atividades nesta área há menos de 1 ano, 62,5% iniciou as atividades entre 1 e 3 anos (período que surgiu a idéia e se concretizou o nascimento da cooperativa) e somente 12,5% iniciou suas atividades há mais de 3 anos.

A relação do cooperado com a cooperativa está diretamente ligada às expectativas. No questionário havia uma pergunta sobre se a cooperativa atendia às expectativas do cooperado, a resposta foi que 75% dos cooperados tinha as suas expectativas atendidas e 25% respondeu negativamente.

Foi feita uma pergunta sobre se o foco da criação seria o abate de animais, sendo que 100% dos cooperados criadores apontaram positivamente neste sentido, o que evidencia a pretensão da própria cooperativa criar o seu abatedouro até para atender a este anseio dos cooperados que são criadores.

Quando perguntados sobre se a prioridade da cooperativa deveria ser agregar valor ao produto originado de avestruz, foi unânime a resposta entre os cooperados criadores e os não criadores que esta deveria ser a prioridade da cooperativa. Isso demonstra uma visão holística do negócio, onde vislumbram o funcionamento da cadeia produtiva como fator fundamental para o êxito da atividade e a visão de que a cooperativa tem capacidade de completar este ciclo da cadeia produtiva ligando os produtores ao mercado.

## 8. FUTURO DA COOPERATIVA E O COOPERATIVISMO

As expectativas dos cooperados estavam fundamentadas basicamente na industrialização dos produtos de avestruz e sua comercialização, mas as respostas não se restringiram a este ponto, avançaram com 25% dos cooperados apresentando as suas expectativas mais vinculadas à estruturacultura e ao crescimento desta atividade do que em relação à própria cooperativa, outros 25% já sedimentaram as suas expectativas no retorno financeiro que a cooperativa poderia estabelecer e 50% tiveram uma expectativa ligada à cadeia produtiva e à funcionalidade desta na cadeia produtiva, onde estariam inseridas não só a comercialização e industrialização de produtos como o apoio aos cooperados seja na área técnica seja na capacitação dos mesmos.

Em razão de uma visão macro da atividade apresentada por alguns cooperados em relação a outros, um percentual dos cooperados restringiu a sua visão em relação à cooperativa propriamente dita, a atender aos cooperados, *“orientando e indicando como se deve tratar o animal. Colocar o cooperado sempre a par das contas (balancetes)”* (Relato de Cooperados), o que comprova que desviou do foco da pergunta ao falar de reforma de gestão como a transparência, mas sem

apresentar um foco de negócio. Dentro desta escala 50% dos cooperados responderam que o auxílio e o incentivo ao criador deveriam ser os aspectos principais da cooperativa. Os outros 50% já sedimentaram as suas respostas na industrialização e na comercialização da carne e do couro de avestruz e nos outros produtos que poderiam ser comercializados como as plumas e os bicos.

Com relação ao conhecimento do cooperativismo, 100% dos cooperados declararam possuir conhecimento sobre o tema, sendo que 50% deles apresentou um conhecimento mais consistente traçando princípios e a legislação das cooperativas, os outros 50% possuem os seus conhecimentos mais assentados sobre um conhecimento geral das cooperativas apresentando esta basicamente como uma união de pessoas para formar uma atividade.

## 9. TRAÇOS EMPREENDEDORES NOS ESTRUTIOCULTORES

A estrutuicultura é uma atividade nova no nosso país, já que os primeiros animais foram importados da África na década passada, quando foi iniciada esta atividade e até hoje ainda não foram sedimentadas as bases de um mercado consumidor interno e de infra-estrutura na cadeia econômica desta atividade. Neste aspecto evidencia-se uma característica do empreendedor, a inovação ao atuar com uma atividade até então desconhecida para a realidade nacional e outra característica é a propensão ao risco, pois a partir do momento que não havia uma especialização de mão-de-obra nacional, a falta de conhecimentos técnicos sobre o assunto, não existia uma cadeia produtiva que garantisse sustentabilidade dessa produção e principalmente não havia mercado interno formado nem parceiros suficientes para atender a demanda que pudesse ser gerada.

Esses fatores foram sendo minimizando no decorrer dos anos, mas ainda hoje a criação de avestruzes é uma atividade considerada nova e os primeiros frigoríficos e curtumes estão sendo formados recentemente e existe ainda uma certa incógnita sobre como será o consumo daqui alguns anos quando a demanda por filhotes tiver sido equacionada e ocorrer um aumento de produção. Portanto, essas características empreendedoras também estão presentes na Copatruz.

O empreendedor é um exímio identificador de oportunidades e foi neste contexto que a estrutuicultura surgiu como uma atividade extremamente rentável e uma oportunidade para atuar no agronegócio com pequena área de terras e com um produto de alto valor agregado.

A pró-atividade se fez presente quando os empreendedores buscaram formar associações e cooperativas e principalmente quando vislumbraram uma nova forma de atuar no mercado gerando a chamada hospedagem de animais que permitiu que pessoas da zona urbana que não possuíam terras tivessem seus avestruzes, neste aspecto podem ser identificadas as características empreendedoras ressaltadas no parágrafo anterior novamente. Deve ser esclarecido que as características empreendedoras não estão isoladas e muitas vezes em uma ação empreendedora diversas destas características se fazem presentes.

## 10. CONCLUSÕES

O perfil do cooperado evidenciou a diversidade dos seus membros com pessoas de faixas etárias bastante distintas, mas com uma preponderância de pessoas mais jovens. O nível de escolaridade é bastante elevado com todos os entrevistados com nível superior completo ou incompleto.

O número de cooperados produtores rurais alcança 75% do total de membros, onde metade destes são criadores de avestruzes, entretanto, estes ainda possuem uma quantidade reduzida de animais o que é um fator que pode atrasar o alcance de um dos objetivos da cooperativa que é o abate de animais.



As expectativas dos membros da cooperativa em relação a esta, estão fundamentadas na industrialização e comercialização dos produtos de avestruz e a visão de que a cooperativa deve agregar valor ao produto. Este fato caracteriza a nova geração de cooperativas que faz parte de uma realidade hoje, já estruturada no mercado que veio a ocorrer após o início da década de 90 quando muitas cooperativas tiveram que fazer reformas para se sustentarem no mercado, sendo que estas reformas atuaram nas áreas financeira, organizacional, administrativa e, principalmente na mercadológica que configuram as mudanças das novas cooperativas com um posicionamento estratégico mais vinculado ao mercado.

A cooperativa possibilitou para muitos dos seus membros um conhecimento maior do tema, 50% dos entrevistados apresentam conhecimento sobre o assunto e estão conscientes dos princípios e da legislação.

Os cooperados apresentam traços empreendedores, pois estes estão inseridos no contexto da estruicultura, onde se destaca a oportunidade de negócios, a capacidade de assumir riscos calculados e a iniciativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNI, E.J; BRANDT, S.A; - Descentralização, Diversificação e Tamanho de Cooperativas Agropecuárias. **Revista de Economia e Sociologia Rural** – Brasília, v.30, n.1, p.1-10, jan/mar 1992.

BIALOSKORKI, Sigismundo Neto – **Agribusiness Cooperativo: Economia, Crescimento E Estrutura de Capital**. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – USP – Piracicaba SP. 1998.

COOK, Michel. Evolução das Cooperativas de Nova Geração nos Estados Unidos na Década de 90. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE COOPERATIVISMO, 11, 1997, Brasília. **Anais...** Brasília: OCB/PENSA, 1997, p.182-186.

DRUCKER, P.F. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 1986.

ESCHENBURG, R. Una Breve Instrucion a La Teoría Económica de La Cooperación. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, v.13, p. 7-14, 1983.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

FERREIRA, M e BRAGA, M. Diversificação e Competitividade nas Cooperativas Agropecuárias. **RAC - Revista de Administração Contemporânea**. Rio de Janeiro: ANPAD, v.8, n.4 out/dez., 2004.

GAYOTO, A.M. – Formas Primitivas de Cooperação e Precusores. São Paulo, ICA, 1976.

HIRISCH, R. D. & PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HUGON, P. **História das Doutrinas Econômicas**. São Paulo, Atlas, 1970. 447 p.

LAMBERT, P. **La Doutrina Cooperativa**. Buenos Aires Intercoop, 1975. 357 p.

MACHADO, Hilka P. V.; BARANIUK, Ceonice C. e BASTOS, Artur E. R. Criação de empresa cooperativa: o caso do Agropólo de plantas medicinais. In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS

SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. 3, Brasília. **Anais...**  
Brasília: UEM/UEL/UnB, 2003, p.100-112.

MARCONI & LAKATOS. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2000.